

## TRAJETÓRIA DE MULHERES NA CIÊNCIA: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL<sup>1</sup>

LUMA DA SILVA GONÇALVES

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/NEPE  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/PPGED

SÔNIA MARIA ALVES DE OLIVEIRA REIS

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/NEPE  
Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – UESB/PPGED

### Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica que surge das seguintes questões: o que os estudos do campo educacional publicados entre os anos de 2010 a 2019 têm discutido sobre trajetória de mulheres na ciência? Na perspectiva de responder esta indagação de pesquisa, delineou-se como objetivo geral mapear a produção acadêmica no Brasil que trata da trajetória de mulheres na ciência. Utilizou-se como metodologia o Estado da Arte que se caracteriza pela investigação crítica, de abordagem quanti-qualitativa. O mapeamento da produção acadêmica foi realizado no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), nos Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), nos anais dos Seminários Fazendo Gênero e na Biblioteca da UNEB-Campus XII. Feito isso, realizou-se a coleta e a análise de 40 trabalhos, por meio da bibliografia anotada, sistematizada, categorizada e propositiva. Após analisar artigos, dissertações e teses produzidas, destaca-se que os dados apontam a necessidade de mais discussões visando compreender como essas mulheres se veem no mundo acadêmico e os principais caminhos de enfrentamento para alcançar oportunidades de participação e reconhecimento profissional e como pesquisadora na comunidade científica.

**Palavras-chave:** Mulheres na Ciência. Mapeamento. Produção acadêmica.

### Abstract

The present work is the result of a scientific initiation research that arises from the following questions: What have studies in the field of education published between 2010 and 2019 discussed about the trajectory of women in science? In order to answer this research question, the general objective was outlined to map the academic production in Brazil dealing with the trajectory of women in science. The State of the Art methodology was used, characterized by critical investigation with a quantitative-qualitative approach. The mapping of academic production was carried out in the database of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), in the virtual library of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (IBICT), in the Proceedings of the Meetings of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPED), in the Proceedings of the Making Gender Seminars, and in the Library of UNEB-Campus XII. After collecting and analyzing 40 works through annotated, systematized, categorized, and propositional bibliography, it was found that the data indicate the need for further discussions aimed at understanding how these women perceive themselves in the academic world and the main paths of confrontation to achieve opportunities for participation and professional recognition as a researcher in the scientific community.

**Key words:** Women in Science. Mapping. Academic production

<sup>1</sup> Trata-se, portanto, de um recorte do projeto financiado pelo Edital CNPQ 01/2016-Universal, da professora Dr<sup>a</sup> Sônia Maria Alves de Oliveira Reis, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado “Trajetórias de vida e práticas educativas de mulheres em movimento(s) no Território de Identidade do Sertão Produtivo no Estado da Bahia”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cujo CAAE é 47129015.9.0000.0057 e parecer favorável é 1.259.062.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho objetiva mapear a produção acadêmica no Brasil que trata da trajetória de mulheres na ciência. Esse tema nos introduz na busca pela compreensão acerca da estrutura social, pois a forma como homens e mulheres ocupam espaços, está diretamente ligada às relações humanas de poder, visto que as conquistas femininas são recentes e ainda existe uma lacuna na história e nas estatísticas em relação à inserção das mulheres na ciência.

Analisando a história da humanidade, pode-se perceber que foi, e tem sido marcada pela facilidade de acesso e ascensão masculina em diversos espaços da sociedade, principalmente naqueles referentes à esfera científica e política. Essa segregação é refletida no baixo número de mulheres conhecidas e reconhecidas na ciência, nas artes e em tantos outros cenários. Mesmo aquelas que criavam algo ou eram militantes em alguma área sequer tiveram seus nomes mencionados, pois a sociedade esperava da mulher um bom desempenho nos ofícios de esposas, mães e donas de casa e o que passava disso fora sempre considerado afronta.

Ao longo da trajetória escolar e acadêmica, deparou-se com um fato visível e que é considerado comum; as meninas em sua maioria com dificuldades em ciências exatas. Algo que foi naturalizado pela sociedade, já que os artigos infantis são separados por cor (azul e rosa), os jogos de lógica, aventura e descobertas são destinados a meninos e para as meninas, ficam os bonecos semelhantes à recém-nascidos, cozinhas em miniatura e bonecas com um tipo de padrão de beleza. Essa e outras formas de educar as crianças faz com que se tornem homens e mulheres condicionados a funções específicas de cada gênero, o que acarreta na feminização de algumas atividades e profissões geralmente relacionadas ao cuidado materno.

Nesse sentido, estudar gênero é entender como se dá o processo das relações sociais entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, além de buscar compreender a identidade dos sujeitos e como elas se constituem na sociedade. Partindo desse pressuposto, consideramos significantes e transformadoras as discussões aqui pautadas, pois a partir de experiências pessoais e afinidade com o tema, nós optamos por esta temática de pesquisa, que contribuirá para o crescimento pessoal, como também para o olhar mais atento da academia e da comunidade.

É importante salientar que a face da ciência sempre foi branca, abastada e androcêntrica, tornando árduo o acesso das mulheres até ela. Muitas pesquisadoras que fizeram grandes descobertas, foram esquecidas ou tiveram seus nomes ocultados e, em sua maioria, os

companheiros ganhavam reverências em cima dos seus trabalhos, quando eram reconhecidas, nunca estavam só, a exemplo disso temos o casal Marie Curie e Pierre Curie<sup>2</sup>.

Não só nas ciências exatas ou da natureza, mas também nas artes e na literatura elas se tornaram invisíveis. É necessário salientar que um dos mais comuns discursos acerca da pouca quantidade de mulheres cientistas, diz respeito à razão versus emoção, desta forma a mulher estaria agindo com a emoção, sendo relacionada a profissões e atividades de cunho maternal, à arte e à literatura e o homem com a razão, “logo” ele estaria apto para profissões que exigem raciocínio lógico.

## CAMINHO METODOLÓGICO

Um dos objetivos desse trabalho foi identificar e compreender os estudos e pesquisas sobre a condição feminina no universo científico, buscando compreender a trajetória das mulheres na ciência, no período de 2010 a 2009. Do ponto de vista metodológico, estudos de mapeamento da produção acadêmica (estado da arte, estado do conhecimento, revisão de literatura, balanço da produção acadêmica, dentre outros), embora recentes, têm se proliferado no cenário da investigação científica brasileira. Para Santos, Barroso e Nascimento (2020), tais estudos objetivam descrever a produção científica possibilitando um inventário do estado atual do conhecimento, evidenciando os avanços e as eventuais lacunas da produção recente de um campo de estudos ou de determinado setor das publicações relativas à temática em análise (FINK, 1998 *apud* SANTOS; BARROSO; NASCIMENTO, 2020).

1480

Na acepção de Fink (1998, p. 3, *apud* SANTOS; BARROSO; NASCIMENTO, 2020, p. 7), a revisão de literatura compreende “[...] um método sistemático, explícito e reproduzível para identificar, avaliar e interpretar o corpus existente de trabalhos produzidos por pesquisadores, acadêmicos e profissionais”. Consiste na sistematização e no exame crítico da produção acadêmica disponível sobre um determinado tema, contendo dados e levantando evidências que permitam compreender diferentes pontos de vista sobre a temática em questão, paralelos e disparidades que elucidem como ela vem sendo investigada no âmbito da produção recente (FINK, 1998, *apud* SANTOS; BARROSO; NASCIMENTO, 2020).

Diante desse cenário, e frente à parte significativa da produção acadêmica nacional, este texto objetiva responder às seguintes questões: o que os estudos e pesquisas do campo educacional publicados entre os anos de 2010 a 2019 têm discutido sobre mulheres na ciência?

---

<sup>2</sup> Nobel de Física de 1903, "em reconhecimento aos extraordinários resultados obtidos por suas investigações conjuntas sobre os fenômenos da radiação”.

Quais as principais tendências da produção de conhecimento sobre mulheres na ciência? Para cumprir com os objetivos propostos, foram selecionadas produções publicadas nos últimos dez anos nas bibliotecas digitais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), nas Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED), nos seminários Fazendo Gênero e na Biblioteca da UNEB/*campus* XII- Guanambi-BA.

Para a realização da pesquisa utilizamos os descritores: “mulheres cientistas” e “mulheres na ciência”. O recorte temporal foi estabelecido entre os anos de 2010 a 2019. A definição do recorte temporal se justifica pela necessidade de conhecer o que vem sendo estudado sobre a temática nos últimos 10 anos. Definidos os critérios de filtro, foram selecionados 40 trabalhos.

Por fim, fizemos a análise dos dados coletados por meio das seguintes fases, a pré-análise, a exploração do material, tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977) que nos possibilitou mapear e discutir a produção acadêmica no Brasil que trata da trajetória de mulheres na ciência.

### Estudos e pesquisas já realizadas na área: os frutos de outras temáticas

1481

No final do século XX começam a surgir mulheres em espaços antes negados a elas, embora ainda tenhamos poucas delas nas ciências exatas, podemos perceber em estudos que as mulheres têm maiores rendimentos nas áreas masculinizadas pela sociedade em geral. Mas então, como estariam essas mulheres em campos que socialmente não foram destinados a elas? Quais as lacunas que o processo histórico deixou para que atualmente nós resolvêssemos? Seria a cultura feminina divergente e distante da cultura científica? Essas questões estão a todo tempo sendo discutidas e analisadas por pesquisadores da área.

**Quadro 1** – Produções científicas sobre mulheres na ciência (2010-2019)

PRODUÇÕES E EVENTOS	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total
CAPES	-	01	01	01	03	01	03	03	02	01	16
IBICT	01	-	03	-	-	01	01	-	04	02	12
ANPED	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
FAZENDO GÊNERO	02	-	-	03	-	-	-	06	-	-	11
TCCs UNEB <i>Campus</i> XII	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>40</b>

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Após apresentarmos a síntese dos trabalhos (quadro 1), com o quantitativo de 40 produções reafirmamos que ainda há uma lacuna nos estudos e pesquisas sobre a inserção da mulher na ciência. Fazer ciência e construir-se mulher, encontra-se em lugares opostos/divergentes e isso se dá pela naturalização do que consideramos ser pertencentes ao mundo feminino, sem maiores preocupações de estar quebrando esses paradigmas.

### **Trajetórias de mulheres na ciência: o que revelam as pesquisas?**

Inicialmente apresentamos as pesquisas encontradas nas bibliotecas digitais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Fizemos uma análise do trabalho e contextualizamos com o atual estudo.

No trabalho “*Ser cientista: tensões entre gênero e ciência*” (PEREIRA, 2011) a autora discute as questões ligadas ao conceito de ciência e como isso repercute nas relações de gênero. Além de apresentar o cerne da questão: as relações de poder que estão imbricadas nesse processo do fazer ciência e a participação das mulheres nele. Ao entrevistar mulheres, a autora da pesquisa relata que no discurso das entrevistadas, é perceptível a ausência de indagações sobre a ciência positivista, aquela que é universal neutra e objetiva.

A pesquisa “*Gênero e ciência: um estudo sobre as mulheres na Física*” (CARTAXO, 2012), levanta a discussão sobre a participação das mulheres na Física e como ela se dá no meio social, já que, segundo a autora, ainda há um número relativamente pequeno de mulheres nessa área. Segundo ela, as mulheres têm um rendimento melhor que os homens quando ingressam na Física, mas por outro lado, não conseguem ascender na profissão, pois vários empecilhos de cunho patriarcal, interfere no alcance do sucesso feminino.

Em “*Quem calculava? Representações de gênero na relação mulher-matemática na obra O Homem que Calculava de Malba Tahan*” (SOUZA, 2013), é apresentado a relação mulher-matemática numa perspectiva foucautiana e a autora se depara, ao longo da pesquisa, com mecanismos de poder que delimitam as ações das mulheres, que as emolduram e determinam o seu caminho, cabendo às questões feministas e revolucionárias, questionar essa estrutura determinista e, segundo a autora “gerar uma desconfiança para aquilo que outrora era visto como algo ‘natural’”.

No trabalho “*Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX*” (SOMBRIIO 2014), é discutido sobre a ação de mulheres estrangeiras que vieram aventurar-se no Brasil produzindo ciência. A autora

revela também que o imaginário estabelecido por nós é majoritariamente masculinizado e isso se torna excludente e precipitado para o fazer científico. Ela ainda afirma que isso se dá por conta da construção cultural, pois a cultura das mulheres foi distanciada da cultura científica.

A pesquisa “*Gênero, ciência e contexto regional: analisando diferenças entre os docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras*” (BORGES 2014), aborda o universo das desigualdades de gênero nas tarefas acadêmicas dos docentes-pesquisadores da pós-graduação. A autora pesquisa duas universidades federais: a UFRJ e a UFMA, nelas, descobre as divergências entre as universidades no trato das relações de gênero e, nas entrevistas, feitas com homens e mulheres, percebe a marcante sobrecarga feminina, bem como o sentimento de culpa carregado pelas mulheres que chegaram ao topo da carreira científica.

Outro estudo em análise, é “*Gênero, Ciência & Tecnologia e Saúde: apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa na Fundação Oswaldo Cruz*” (RODRIGUES, 2014), é de caráter quantitativo, pois busca delinear a participação feminina no esforço de pesquisa Oswaldo Cruz (Fiocruz). A autora faz uma análise de como está sendo o ingresso e permanência de homens e mulheres nos núcleos de pesquisas, quantos desses pesquisadores são mulheres, como elas ascendem na carreira e os motivos pelos quais são maioria as que ingressam, porém, são os homens que mais ascendem na carreira, ocupando maiores posições na hierarquia.

“*Ciência e tecnologia: desequilíbrios e gênero na docência da educação superior*” (GOMES, 2015), esse trabalho nos apresenta uma discussão diretamente relacionada ao tema desta pesquisa. A autora traz em seu estudo, as relações de gênero e a inserção de mulheres na docência do ensino superior nas áreas de ciência e tecnologia, que bem sabemos ser um campo masculinizado pela sociedade e de prestígio masculino.

Pouco ouvimos falar ou poucas vezes lemos em *sites* de notícias que mulheres foram premiadas por suas contribuições para a ciência. Isso se tona um fator de risco, pois não estamos procurando encorajar mais as meninas no caminho da pesquisa. Os *sites*, *blogs* e redes sociais bombardeiam as adolescentes com informações relacionadas ao corpo e estilo de vida com ostentação e *status*. Haja vista que as próprias mulheres são condicionadas à competição e padrões de beleza inalcançáveis.

Nessa perspectiva, o trabalho “*O mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres: investigando a premiação para mulheres na ciência*” (CASEIRA, 2016) dialoga com o parágrafo acima, pois vai na contramão do que é recebido por nós diariamente: homens fazendo ou participando de grandes descobertas e mulheres sendo invisibilizadas. A autora do estudo investiga o Programa "Para Mulheres na Ciência" do Brasil e faz uma análise crítica

acerca de como as mulheres vêm sendo representadas pelo programa. De modo geral a pesquisa é qualitativa e tem como base as discussões feministas pós estruturalistas.

Em “*Você vai fazer engenharia, menina?*” - *As mulheres na ciência e tecnologia: uma história a ser escrita*” (GUEDES, 2016), vemos que, assim como o objetivo deste trabalho, a autora busca analisar o contexto sociocultural que criam barreiras para a inserção das mulheres na ciência. Ora estão abarrotadas de trabalhos familiares, ora enfrentam, em desvantagem, a busca pelo sucesso profissional com os seus colegas de trabalho, homens. O propósito da pesquisa é delimitado quando a pesquisadora relata a necessidade de investigar a inserção feminina na Ciência e Tecnologia, e as principais dificuldades enfrentadas por elas. Ao final da pesquisa, ela chega à suas considerações, concluindo que algumas práticas culturais desencorajam as mulheres de enveredar pela ciência e tecnologia, de modo a haver contribuições para a naturalização dos papéis sociais.

A pesquisa “*Gênero, ensino e pesquisa em Matemática: um estudo de caso*” (MENEZES, 2016), aborda um declínio na inserção de mulheres no corpo docente do curso de Matemática na Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde a sua fundação em 1970 até o ano da investigação, 2012. Ao analisar o quadro docente de todos esses quarenta e dois anos, a autora fez relatos sobre uma diminuição significativa de novas professoras mulheres. Concluindo que um dos fatores pode ter sido a demora na implantação de um doutorado em matemática, ou os entraves enfrentados pelas mulheres desde sempre, família, filhos, casamento etc.

Já no trabalho “*Gênero e física: a inserção de mulheres na "ciência hard" da UFSC (1980-2010)*” (SVARCZ, 2017), a autora vem falar também sobre a inserção de mulheres na ciência, mas agora no campo da Física na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como na pesquisa anterior, notou-se o baixo número de mulheres na área mencionada e, ainda, uma subalternização feminina. De modo geral, a pesquisa é analisada a partir de discursões feministas e de gênero.

A pesquisa “*A mulher na ciência: investigação do desenvolvimento de uma sequência didática com alunos da educação básica*” (CAVALLI, 2017) tem como pressuposto a quebra de estereótipos acerca da ciência. A partir de então, a autora se propõe a pesquisar em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, as percepções dos alunos acerca do ser cientista. Após as etapas estabelecidas para alcançar os objetivos, concluiu-se que há, de fato, uma visão estereotipada e masculinizada no campo da ciência.

No estudo *“Mulher e ciência: interfaces feministas entre conhecimento científico e político na América Latina”* (REGO, 2017), é utilizado o método de análises de publicação, então o autor busca compreender a militância existente nesses estudos. É traçado um caminho com base nos movimentos feministas ao longo dos anos, percebendo a relação que vem sendo feita entre educação, conhecimento científico com o feminismo. Por fim, ele faz um relato sobre sua percepção acerca das lacunas encontradas, pois evidencia a carência e dificuldade de relacionar ciência, docência feminina e academia. Tais considerações traz importantes acréscimos para o nosso trabalho, tendo em vista a docência feminina nas universidades e as pesquisas realizadas pelas mesmas.

Podemos perceber que no estudo *“Mecanismos de reprodução das assimetrias de gênero no campo acadêmico: a formação universitária e a atuação profissional no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa – MG”* (MOTTA, 2018), podemos encontrar uma profunda discussão sobre a relação de gênero nas ciências agrárias e trazer para nossa discussão este trabalho, amplia a nossa perspectiva sobre a presença feminina em variadas áreas de atuação profissional. Motta vem mostrando ao longo do estudo que foram criados estereótipos em torno das ciências agrárias e um perfil ideal e desejável, nesse caso, um perfil masculino, atrasando as mulheres na busca por suas realizações profissionais. Então, ela analisa quais são esses mecanismos que influenciam diretamente na reprodução desse padrão requisitado e prestigiado que exclui as mulheres. Assim como nos trabalhos anteriores analisados, esse segue o mesmo padrão: uma instituição segregada e hierárquica.

O trabalho *“Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática”* (ROSENTHAL, 2018), nos questiona sobre a presença de mulheres nas áreas das Ciências da Natureza, Tecnologias, Engenharias e Matemática e nos lava a compreender quem são essas mulheres, como lidam com conciliação entre família e carreira profissional e onde elas se encontram na hierarquia institucionalizada. As respostas para essas questões se dão ao longo do texto quando as mulheres, sujeitos de pesquisa, confessam por vezes a negação da própria feminilidade se dá justamente pela luta contra a naturalização do “lugar de mulher”.

A pesquisa *“Mulheres na ciência: análise do livro ‘As Cientistas’”* (BRITO, 2019), começa fazendo um apanhado histórico sobre a condição das mulheres na sociedade, perpassa pelas questões de gênero e sua relação com a ciência, aborda alguns aspectos das conquistas femininas e finaliza com a análise do livro. É perceptível que ser mulher e ser cientista percorre caminhos ambíguos e hierárquicos, novamente, temos que lidar com as barreiras históricas que existem até hoje, atropelando mulheres na luta pela contribuição científica.

Ao finalizar as análises de publicações na CAPES, podemos traçar um perfil das mulheres cientistas. Elas costumam relatar as barreiras sempre no mesmo padrão, a dificuldade em ser pesquisadora está diretamente ligada ao modelo patriarcal, que as imobilizam quando procuram outras realizações que não sejam familiares. Então temos um cenário de mulheres com duplas jornadas, mostrando ao mundo que conseguem dar conta de uma rotina cansativa e desestimulante. Ao tentar conciliar carreira e universo familiar, muitos sonhos ficam para trás, o caminho se torna difícil na luta por uma posição de prestígio e a hierarquização é um fator determinante: quanto mais se sobem os níveis de prestígio, menos mulheres são encontradas nas posições de sucesso profissional.

Em seguida, fizemos um levantamento no Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT) e com 12 trabalhos encontrados fizemos as seguintes análises.

A pesquisa “*O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil*” (PRADO, 2010) identifica as características individuais e familiares de pesquisadores de destaque no país, bem como fatores motivadores e inibidores para o alcance de objetivos profissionais. Os resultados da pesquisa indicaram que há mais pesquisadoras na região sudeste do Brasil, em instituições públicas e nas seguintes áreas: Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências da Saúde. A autora menciona também a sobrecarga gerada pelo trabalho aliado aos afazeres domésticos, além dos estereótipos de gênero que interferem diretamente no ambiente profissional.

No estudo “*Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias*” (SILVA, 2012), a autora levanta questões em relação à ciência moderna e como está sendo a inserção de mulheres nela. Seis mulheres das áreas de Farmácia, Ciências Biológicas, Física e Engenharia de Computação compunham o quadro de sujeitos para a pesquisa e a partir das entrevistas, a autora notou que o discurso do fator biológico perpassa pelas narrativas de todas as entrevistadas e ele é usado para explicar a masculinização e feminização de algumas áreas do conhecimento, bem como a própria negação de preconceitos existentes no espaço profissional.

Em “*Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado*” (BITENCOURT, 2012) vem discutindo em primeiro momento o que significa ser mulher e os motivos pelos quais, historicamente, às mulheres estiveram vinculadas à maternidade. Partindo desse pressuposto a autora passa esses questionamentos para o campo das especializações, mais especificamente, do doutorado. Ela analisa como é o universo das doutorandas e quais as concepções dessas mulheres sobre a maternidade, já que há certa estranheza pela escolha de ser mãe, “pois o que vigora é um ideal de acadêmica solteira e sem filhos”.

Já na pesquisa “*Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz*” (SANTOS, 2012) é questionado o fato da grande participação de mulheres nas universidades ao mesmo passo que, nos espaços profissionais masculinizados, esse gênero ainda é quase ausente. Dessa forma a autora conclui que a presença majoritariamente feminina nas universidades, não tem tido como objetivo romper com os padrões androcêntricos. Assim como nos trabalhos analisados anteriormente, a autora discute as relações históricas de gênero e a conciliação feita pela mulher entre vida familiar e profissional.

O estudo “*Ciência no feminino: um estudo sobre a presença da mulher docente na pós-graduação da UFPE*” (SILVA, 2015), perpassa a sua pesquisa por quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Saúde e busca compreender a participação das mulheres no quadro docente das respectivas áreas. A autora faz questionamentos acerca das relações de gênero e críticas quanto à estrutura social hierárquica.

No estudo “*Assimetria de gênero na academia: a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas*” (SUAREZ, 2016), é apresentada a construção da carreira profissional e vida doméstica das mulheres atuantes como docentes e pesquisadoras vinculadas ao Centro de Ciências Exatas (CCE) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e quais os impactos gerados pela dupla jornada de trabalho na carreira dessas mulheres. A escolha pela área de Ciências Exatas foi feita a partir da informação obtida sobre o número de mulheres nesse campo ainda ser muito baixo.

A pesquisa “*Gênero e ciências em três corpos de Maria*” (SANTOS, 2018), aborda, em uma perspectiva histórica, as narrativas e escritas sobre o universo hierárquico masculino e feminino, em que os homens estão sempre em posição de poder enquanto as mulheres são invisibilizadas. Para a elaboração do trabalho a autora buscou compreender a luta feminina, principalmente a luta das mulheres cientistas que tiveram que ser persistentes para alcançar seus objetivos. A exemplo disso ela conta a história de Marie Curie que foi esposa, mãe e cientista e como pouco mudou no cenário feminino em relação às mulheres na ciência.

Em “*O legado científico de Marie Curie: Desafios e perspectivas da mulher na ciência*” (FARIAS, 2018), é apresentada a vida de Marie Curie enfatizando as suas contribuições para a ciência no campo da radioatividade. São utilizados documentos originais e secundários para a realização da pesquisa. De modo geral, discute-se sobre o tempo em que a famosa cientista viveu e como ela resistiu aos entraves da época.

O estudo intitulado “*Elisa Frota-Pessoa: a textualização de suas (auto) representações e questões de gênero nas ciências*” (LINHARES, 2018), vem mostrar como está sendo a representação das mulheres cientistas, comparando um texto de uma entrevista com narrativas da própria cientista Elisa Frota, com um outro texto feito por terceiros, com isso a autora identifica as discrepâncias e a visão distorcida que a sociedade constrói acerca da mulher no mundo da ciência. A autora Linhares, conclui enfatizando a necessidade de se construir uma história justa, pensando nas diferentes representações das mulheres na ciência.

Já na pesquisa “*Mulheres nas ciências exatas: uma análise sobre enunciações de redes sociais*” (NUNES, 2018), é visível o cenário das redes sociais, especificamente o *Facebook*. A autora faz uma análise com base nas interpretações que as pessoas têm sobre a participação das mulheres na ciência e como tem sido difícil o acesso e ascensão delas nesse meio. As *fan pages* utilizadas pela autora para realizar a pesquisa, mostraram que é compartilhada certas histórias de vida de mulheres bem-sucedidas na ciência para servir como exemplo para outras mulheres, por outro lado, o que se observa é que essas mulheres em sua maioria teceram uma jornada quase que solitária, individual. E é sinalizado como isso pode estar diretamente ligado aos ditames neoliberais de educação e sucesso profissional individualizado.

O estudo “*Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada*” (LINO, 2019), investiga como tem sido a inserção de mulheres psicólogas feministas no mundo da ciência, ao passo que nos apresenta os anseios dessas psicólogas por uma ciência que rompa com estereótipos da ciência tradicional, além de uma transformação social que valorize o saber feminino.

Em “*Mulheres nas ciências: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação stricto sensu na perspectiva de gênero - UNESC (2010 - 2015)*” (ALVES, 2019), a autora traz questionamentos acerca da construção e posicionamento das mulheres no campo científico. Partindo desse pressuposto, ela investiga a vida das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação stricto sensu da UNESC. É discutido durante o trabalho as relações de gênero e as divisões sexuais de trabalho, visto que a maioria das entrevistas relatam a difícil conciliação entre a vida familiar e a profissional.

Na pesquisa feita nos anais das Reuniões Nacionais da ANPED, entre os anos de 2010 (33ª reunião) a 2017 (38ª e última reunião), foram efetuadas buscas nas modalidades de comunicação oral e pôsteres em todos os GTs, usando os descritores: “mulheres cientistas” e “mulheres na ciência”. Apenas no GT 23 (Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação)

encontramos um trabalho que discute questões relacionadas a: Gênero e Educação Superior, de acordo com o quadro a seguir.

**Quadro 2** – Produções científicas sobre mulheres nas ciências nas reuniões da ANPED (2010-2019).

AUTOR (ES)	TÍTULO	REUNIÃO	GT	MODALIDADE	ANO
Érica Jaqueline S. Pinto e Valquíria Gila de Amorim	Gênero e educação superior: um estudo sobre as mulheres na Física	37 <sup>a</sup>	23	Trabalho	2015

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Ter apenas um trabalho encontrado em um período de dez anos de reuniões nacionais da ANPED, traduz a forma como as mulheres cientistas vêm sendo tratadas ao longo dos últimos anos. Vale lembrar que o recorte temporal foi pensado justamente por se imaginar que nos últimos anos o número de pesquisas relacionadas a gênero tem, supostamente, aumentado e com essa pesquisa, podemos perceber que os números ainda são ínfimos se comparados à quantidade estudos em outras áreas com a mesma relevância.

Por esta pesquisa estar inerente às discussões de gênero, buscamos nos anais do evento Fazendo Gênero, produções científicas que estejam relacionadas a esta temática. Utilizamos os mesmos descritores das buscas anteriores e, no recorte temporal de dez anos, obtivemos um total de 11 trabalhos, apresentados a seguir.

No trabalho “*Questões de gênero na carreira de professoras universitárias na área das Ciências Biomédicas*” (GOMES; SIQUEIRA, 2010), é apresentado os aspectos culturais e sociais que levam às desigualdades de gênero, bem como a identidade que é construída pelas mulheres no cenário científico. Para contextualizar o seu estudo, ela cita a influência das religiões na divisão sexual do trabalho, em que nas religiões predominantes, há a submissão feminina e os homens ocupando lugares privilegiados. Ela faz a entrevista com uma mulher professora de biologia que passou por dificuldades para conseguir estudar justamente por conta da sua vida familiar e doméstica.

O estudo “*Como o gênero na ciência entra/funciona na escola: o silenciamento discursivo, a construção identitária feminina e o currículo oculto no ensino da matemática*” (LIMA, 2010), aborda questões relacionadas ao currículo e como ele se torna um instrumento de poder. Outras questões surgem durante o trabalho e a autora, criticamente, faz menções ao modelo de ensino capitalista que prioriza o ideal da masculinidade. Ela lembra também que

esse modelo vigente distancia as meninas das ciências exatas, mas que para romper com o “patriarcado-capitalismo”, é necessária uma pedagogia feminista.

Em “*Mulheres e pesquisa em ciências exatas da Universidade Federal da Bahia: uma análise preliminar*” (MENEZES; SOUZA, 2010), as autoras dialogam sobre como vem se constituindo o cenário de mulheres pesquisadoras e o lócus da pesquisa é a UFBA, que segundo as mesmas, nesse espaço há certa divergência em se tratar da quantidade de mulheres doutoras e pesquisadoras. Segundo Menezes e Souza, esse fato se dá pelo desgaste familiar que pesa sobre o universo feminino enquanto que os homens conseguem posições de liderança nas pesquisas, ora por serem solteiros, ora por terem em casa, uma esposa cuidando de todo o resto.

No simpósio temático “*Gênero e ciências: trajetórias, discursos e práticas científicas*” (FROTA; SANTOS, 2013), as autoras lançam discussões sobre o conceito de gênero e de ciência, além de debaterem como tem sido essa relação mulher-ciência a partir de uma perspectiva feminista. Elas ainda destacam a necessidade de se re-imaginar a ciência como “lugar” de alguns e “não-lugar” de outros sujeitos, para assim criticar um cientificismo sexista que é hierárquico, segrega e exclui.

Já no pôster “*Cientistas mulheres em livros didáticos de Química: uma discussão sobre gênero e história da ciência no Ensino Médio*” (SALES; REGO, 2013), há uma preocupação com o que tem sido abordado sobre mulheres cientistas no ensino médio e como tem sido abordado. As autoras fazem uma análise em cima de livros didáticos de Química e percebem que, além da invisibilização das mulheres, os livros mostram descobertas “simplistas” das mesmas.

Em “*Investigando narrativas de mulheres cientistas sobre modos de fazer ciência*” (ALMEIDA; RIBEIRO, 2017), em primeira instância é discutido sobre o longo processo histórico que as mulheres percorram até chegar ao cenário atual, que pouco mudou e a busca pelo sucesso profissional tem sido árdua. A partir disso, elas apresentam as narrativas de algumas mulheres que tiveram a oportunidade de realizar suas pesquisas no continente Antártico. Visto que encontraram muitas dificuldades por lá, principalmente por conta de ser, em maioria, homens. Assim como em outros trabalhos analisados, as autoras perceberam nas falas das mulheres certa aceitação e naturalização de situações que poderiam ser consideradas preconceituosas e sexistas.

No trabalho “*Mulheres na ciência e tecnologia – porque tão poucas?*” (REZENDE; QUIRINO, 2017), as autoras analisam o fato das mulheres serem maioria no ingresso ao ensino superior, mas por outro lado ainda são poucas na Ciência e Tecnologia (C&T). Elas concluem

que além de fatores históricos e socioculturais que interferem em sua ascensão, ainda há a divisão sexual do trabalho doméstico que sobrecarregam as mulheres.

O trabalho “*Mulheres na ciência do Rio Grande do Sul: trajetórias de persistência*” (FREITAS; LOPES; JUNQUEIRA, 2017), na mesma perspectiva dos trabalhos analisados anteriormente, discute a controvérsia que tem sido os dados relacionados às mulheres no universo acadêmico. Muitas mulheres ingressam no ensino superior, mas por conta das dificuldades, poucas seguem o caminho da produtividade e pesquisa científica. Elas entrevistaram professoras eméritas das Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e constataram que as mulheres se encontram em um complicada situação e exigência social, pois para conseguirem o mesmo prestígio que os homens, necessitam produzir uma quantidade maior que seus colegas de profissão.

No simpósio temático “*Gênero e ciência: questões de tempo, mobilidade e trajetórias*” (ARAÚJO; BITENCURT, 2017), é apresentado temas relacionados às mudanças que vêm ocorrendo na esfera científica e como isso influencia positivamente ou negativamente na vida das mulheres imersas na ciência. Discutem todos os empecilhos enfrentados, bem como a “aceleração” do tempo acadêmico e a participação feminina em diversas áreas do conhecimento.

O estudo “*A mulher no mundo da Ciência e do Trabalho: permanências e transformações*” (LOUSADA; CANTARIN, 2017), relembra as relações de poder exercidas pela sociedade e como isso implica severamente no desenvolvimento profissional da mulher. Os autores criticam também esse modelo estrutural que direciona às mulheres a áreas relacionadas ao cuidado materno, levando a subalternação em espaços masculinizados e discute possíveis estratégias para se pensar em políticas públicas geradoras de equidade de gênero.

A investigação “*Produção científica feminina: quadro das mulheres na história*” (PEREIRA, 2017), nos apresenta discussões acerca do campo das ciências humanas que, historicamente, foi feminizado por ser considerado uma “ciência leve” ou nem considerado ciência. Então as mulheres reverteram o quadro ao longo dos anos e passaram a produzir ciência, mas isso, ao mesmo passo que enfrentavam dificuldades para continuar produzindo por conta de fatores externos a elas. Elas concluem mostrando que é necessário entender o processo de distanciamento e exclusão das mulheres na historiografia.

Fizemos uma busca na Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*, observando os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) produzidos no período de 2010 a 2019 nos cursos de graduação em Pedagogia, Educação Física, Enfermagem e Administração e não

encontramos nenhuma produção sobre mulheres na ciência. A ausência de pesquisas sobre mulheres cientistas na UNEB – *Campus XII* revela a face do atual cenário que estamos enfrentando. Ainda que seja uma universidade com apenas quatro cursos, durante os últimos dez anos (ou até mesmo antes), não há registros de busca pela compreensão das relações de gênero, poder e ciência na UNEB-*Campus XII*. Daí a relevância social e acadêmica desta pesquisa de iniciação científica que realizamos no período de agosto de 2019 a julho de 2020.

## APONTAMENTOS FINAIS

De 40 trabalhos encontrados, 39 foram escritos por mulheres e apenas um escrito por homem. Nesse contexto, é essencial compreender o que esses números significam, pois nos deparamos com um assunto que, a propósito, deveria ser uma discussão de todos e não única e exclusivamente das mulheres.

O machismo existe e, apesar das mulheres serem o principal alvo, ainda assim os homens também são massacrados pelas exigências sociais. O fato de termos poucas mulheres cientistas ou em cargos de prestígio, é reflexo de uma história repleta de lacunas e carências, porém, o universo masculino também é afetado. Não é algo natural que apenas homens se saiam bem em exatas ou ciências da natureza, esse conceito foi naturalizado e mulheres condicionadas à “lugares” inferiores. É um privilégio a ascensão masculina, mas a submissão feminina deveria estar sendo questionada não apenas por mulheres.

Convidamos mais mulheres e homens para pensar a respeito dessa lacuna histórica que, de forma alguma, fere somente às mulheres, visto que a ciência necessita de múltiplos olhares e perspectivas heterogêneas, pois só com a diferença (não com desigualdades) poderemos chegar a algum lugar. Não podemos deixar de mencionar que a carreira científica não é fácil para nós mulheres, porém, isso não se dá por uma suposta incapacidade intelectual que historicamente nos atribuíram, mas sim, pelas barreiras e pedras que colocam em nossos caminhos, por isso, a necessidade de discussões e posicionamentos assertivos como estes que apresentamos, no intuito de cada vez mais, chegarmos à um modelo de sociedade justa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. R; RIBEIRO, P. R. C. Investigando narrativas de mulheres cientistas sobre modos de fazer ciência. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499366025\\_arquivo\\_investigandonarrativasdemulherescientistasobremodosdefazerciencia.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499366025_arquivo_investigandonarrativasdemulherescientistasobremodosdefazerciencia.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

ALVES, D. M. **Mulheres nas ciências**: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na perspectiva de gênero - UNESCO (2010 - 2015). 2018. 228f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC.

AMORIM, V. G.; PINTO, E. J. S. Gênero e educação superior: um estudo sobre as mulheres na Física. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3778.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.

ARAÚJO, E. R.; BITENCOURT, S. M. Gênero e ciência: questões de tempo, mobilidade e trajetórias. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=31](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=31). Acesso em: 14 set. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITENCOURT, S. M. **Candidatas à ciência**: a compreensão da maternidade na fase do doutorado. 2011. 344f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2011.

1493

BORGES, E. P. **Gênero, ciência e contexto regional**: analisando diferenças entre os docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras. 2014. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

BRITO, M. S. **Mulheres na ciência**: análise do livro "As cientistas". 2018. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

CARTAXO, S. M. C. **Gênero e Ciência**: um estudo sobre as mulheres na física. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Geociências. Campinas 2012.

CASEIRA, F. F. **O mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres**: investigando a premiação para mulheres na ciência. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, 2016.

CAVALLI, M. B. **A mulher na ciência**: investigação do desenvolvimento de uma sequência didática com alunos da educação básica. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

FARIAS, R. M. S. **O legado científico de Marie Curie: Desafios e perspectivas da mulher na ciência.** 2018. 88f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

FREITAS, G. R.; LOPES, F. T.; JUNQUEIRA, B. D. Mulheres na ciência do Rio Grande do Sul: trajetórias de persistência. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11*, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=31](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=31). Acesso em: 14 set. 2019.

FROTA, M. H. P.; SANTOS, V. M. **Gênero e ciências: trajetórias, discursos e práticas científicas.** Simpósio temático. Sala 322, Bl. B, 1º Andar, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

GOMES, B. A.; SIQUEIRA, V. H. F. Questões de gênero na carreira de professoras universitárias na área das Ciências Biomédicas. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9*, Florianópolis, 2010. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278282211\\_ARQUIVO\\_ARTIGOFAZENDOGENEROFINAL.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278282211_ARQUIVO_ARTIGOFAZENDOGENEROFINAL.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

GOMES, Marcia Cristina. **Ciência e tecnologia: desequilíbrios de gênero na docência da educação superior.** 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

1494

GUEDES, Moema. Gênero e ciência: um balanço dos avanços e estagnação na última década. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.** Brasília, ano 2, n. 4, dez. 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/revista-observatorio2-30-11-final1.pdf&62>. Acesso em: 6 mar. 2020.

GUEDES, R. S. “Você Vai Fazer Engenharia, Menina?” - **As mulheres na ciência e tecnologia: uma história a ser escrita.** 2016. 113f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2016.

LIMA, N. R. L. B. Como o gênero na ciência entra/funciona na escola: o silenciamento discursivo, a construção identitária feminina e o currículo oculto no ensino da matemática. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9*, Florianópolis, 2010. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1275931986\\_ARQUIVO\\_fazendogenero9\\_\\_.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1275931986_ARQUIVO_fazendogenero9__.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

LINHARES, M. L. C. **Elisa Frota-Pessoa: a textualização de suas (auto)representações e questões de gênero nas ciências.** 2018. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

LINO, T. R. **Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada.** 2019. 242f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2019.

LOUSADA, I. C.; CANTARIN, M. M. A mulher no mundo da Ciência e do Trabalho: permanências e transformações. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=76](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=76). Acesso em: 14 set. 2019.

SUAREZ, F. C. M. **Assimetria de gênero na academia**: a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2016.

MENEZES, L. C. **Gênero, ensino e pesquisa em matemática**: um estudo de caso. Salvador. 2016. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2016.

MENEZES, L. C.; SOUZA, A. M. F. L. Mulheres e pesquisa em ciências exatas da Universidade Federal da Bahia: uma análise preliminar. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2013. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373244690\\_ARQUIVO\\_FINALARTIGOPARAFAZENDOGENERO.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373244690_ARQUIVO_FINALARTIGOPARAFAZENDOGENERO.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

MOTTA, J. A. **Mecanismos de reprodução das assimetrias de gênero no campo acadêmico**: a formação universitária e a atuação profissional no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa-MG. 2018. 123f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2018.

1495

NUNES, P. T., **Mulheres nas ciências exatas**: uma análise sobre enunciações de redes sociais. 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2019.

PEREIRA, J. C. **Ser Cientista**: tensões entre gênero e ciência. 2011. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2011.

PEREIRA, L. M. Produção científica feminina: quadro das mulheres na história. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=651](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=651). Acesso em: 14 set. 2019.

PRADO, R. M. **O talento em uma perspectiva feminina**: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

REGO, S. A. S. **Mulher e ciência**: interfaces feministas entre conhecimento científico e político na América Latina. 2017. 290f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE, 2017.

REZENDE, D. T.; QUIRINO, R. Mulheres na ciência e tecnologia – porque tão poucas? *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499434901\\_ARQUIVO\\_STO41-DanielaRezende-ArtigoCompleto.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499434901_ARQUIVO_STO41-DanielaRezende-ArtigoCompleto.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

RODRIGUES, J. G. **Gênero, Ciência & Tecnologia e Saúde**: apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa na Fundação Oswaldo Cruz. 2014. 130f. Tese (Doutorado em Informação, Comunicação em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Informação Científica e tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2014

ROSENTHAL, R. **Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática**. São Paulo, 2018. 106f. Dissertação (Mestrado Interunidades em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2018.

SALES, F. S.; REGO, A. G. **Cientistas mulheres em livros didáticos de Química**: uma discussão sobre gênero e história da ciência no Ensino Médio. Pôster. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

SANTOS, S. V. S.; BARROSO, F. P.; NASCIMENTO, J. M. Convergências e tensões na produção acadêmica sobre currículo da educação infantil. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.18, n.1, p.350-371 jan./mar. 2020. e-ISSN: 1809-3876. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 24 abr. 2020.

SANTOS, P. N. **Gênero e ciências em três corpos de Maria**. 2018. 108f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2018.

1496

SANTOS, V. M. **Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz**. 2012. 358f. – Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2012.

SILVA, E. A. I. **Ciência no feminino**: um estudo sobre a presença da mulher docente na pós-graduação da UFPE. 2015. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE, 2015.

SILVA, F. F. **Mulheres na ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) –Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, 2012.

SILVA, J. D. C. **Mulheres e ciência**: a trajetória de mulheres cientistas do Instituto de ciências biológicas e da saúde da UFRRJ. 2015. 68f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2015.

SOMBRIO, M. M. O. **Em busca pelo campo**: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. 2014. 221 p. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2014.

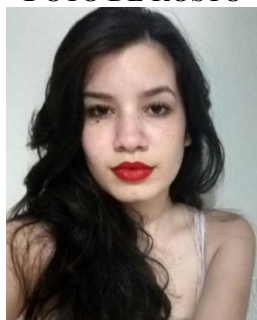
SOUZA, L. G. R. **Quem calculava**: representações de gênero na relação mulher-matemática na obra O homem que calculava de Malba Tahan. 2013. 73f. Dissertação (Mestrado em

Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2013.

SVARCZ, K. C. **Relações de Gênero na Física:** a inserção de mulheres na “Ciência Hard” na UFSC (1980-2010). 2017. 237f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2017.

#### AUTOR 1:

##### FOTO DE ROSTO



##### LUMA DA SILVA GONÇALVES

Licenciada em Pedagogia pelo Departamento de Educação - Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq. Foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq no período de 2017 a 2020. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB) orientanda do Prof. Dr. Anderson de Carvalho Pereira.

EMAIL: luma.sg16@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7983045977329023>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0073-7574>

1497

#### AUTOR 2:

##### FOTO DE ROSTO



##### SÔNIA MARIA ALVES DE OLIVEIRA REIS

Mestre e Doutora em Educação pela FaE/UFMG. Professora titular do da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XII. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB). É líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq.

EMAIL: smaoliveira@uneb.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9391155498685665>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0129-0719>